

Sobre o livre-arbítrio em torno de *O jogador* de Dostoiévski

Índice

<i>Introdução</i>	1
I – <i>Quadro de referência (enredo)</i>	1
II – <i>Questionamento do livre-arbítrio</i>	4
III – <i>Considerações finais</i>	6
Referências	8

Introdução

A partir do romance *O jogador* de Fiódor Dostoiévski¹ propomo-nos fazer uma breve reflexão sobre o livre-arbítrio, um conceito presente na vida social, fundamental para todo o ser humano, mas com profundo significado filosófico e religioso. Somos livres nas nossas ações, ou existem fatores independentes de nós que determinam o seu resultado? Dadas as múltiplas implicações e consequências na vida, Dostoiévski parte para a narrativa - *O Jogador*, na qual deixa em aberto um conjunto de interrogações na forma literária, que mobilizam um pensar profundo e cuidado. Na verdade, estamos perante um conceito “escorregadio”, cuja exploração se assemelha a areias movediças, o mesmo é dizer, complexo, pelo que optámos, em termos metodológicos, por o circunscrever à experiência humana ficcionada.

Contudo, uma das grandes virtudes de *O Jogador* é, reconhecidamente, a capacidade de nos conduzir de forma vívida a situações reais de vício, uma realidade presente nas sociedades ao longo dos tempos. O que é o vício? Esta é uma questão que nos propomos analisar na vida e na ficção nas suas relações com a possibilidade de livre-arbítrio. Vício, ou dependência de algo, que se constitui como uma manifestação complexa de comportamentos específicos que, no entanto, para além dos seus relevantes aspetos do foro psicológico e psiquiátrico, abre um potencial reflexivo sobre os vários elementos que envolvem essa experiência também no domínio da filosofia. Decidimos, na nossa abordagem, recorrer à perspectiva de Robert Kane², exposta no texto que escreveu em “Four Views on Free Will”, e por ela sermos apoiados na construção da nossa argumentação.

I – Quadro de referência (enredo)

A parca referência às coordenadas espaciais onde se movem as personagens é (propositadamente) secundarizada. Uma cidade alemã, um hotel de qualidade, uma alameda, um casino, e algures ... visto que nunca foram visitados, umas termas e um miradouro com uma vista panorâmica. A importância do espaço dos acontecimentos, como contexto integrador, é sintomaticamente reduzida. Tanto a família russa do general, que provavelmente é apenas coronel onde o narrador do livro, o jovem perceptor Alexei Ivanovitch se integra, assim como as outras personagens, todos são literalmente estrangeiros naquela cidade e até naquele país. E, a cidade nada lhes interessa, eles são: “aqueles para os quais não existe outra coisa nas termas senão a roleta.”³ Se relermos

¹ A biografia de Fiódor Dostoiévski (1821-1861), nos mais diversos aspetos e detalhes, deixa-nos indícios de uma personalidade densa e, muito possivelmente, afetada por um percurso atribulado. Além de ter sido condenado à morte, pena que viria a ser mais tarde comutada à última hora, e substituída por cinco anos de trabalhos forçados, sofria também de epilepsia. Mas, dado o contexto deste trabalho, torna-se relevante saber que também ele foi viciado no jogo da roleta, tal como Alexei Ivanovitch, personagem principal do romance.

² Robert Kane (Boston 1938).

³ Dostoiévski, (2016), 127.

algumas passagens reparamos que existem descrições fugidias: sobre a sumptuosidade do hotel; as árvores na alameda que serve de antecâmara do casino; e algum pormenor nas descrições em volta da mesa de jogo. Mas, numa primeira leitura, quase que somos “sugados” pelo turbilhão avassalador do fluxo de pensamentos de Alexei Ivanovitch.

As circunstâncias envolventes são abreviadas ao estritamente necessário para que exista um local onde inserir a centralidade absorvente e esgotante do “jogo”, não como um espaço físico, mas como lugar psicológico e da consciência, que com frequência é a sua falta. A simplicidade da descrição do cenário onde são colocadas as personagens permite-nos mais concentração para tentarmos compreender os seus papéis, para sabermos quem é quem e o que pretende, o que cada um julga de si próprio e dos outros ... como interação entre si.... É então que, também neste aspeto voltamos a ser surpreendidos por uma desconcertante desarmonia nos diálogos inacabados e incompreendidos que eles trocam entre si. Com frequência, ou as personagens não entendem bem o que o outro está a dizer, ou viram as costas a meio da conversa, ou deixam as frases por acabar ... Desta forma, Dostoiévski volta a reforçar, com uma nitidez crua, a solidão em que as personagens habitam. Estamos então colocados perante uma atmosfera algo inóspita para que relações interpessoais (minimamente) aceitáveis aconteçam. Mas é, precisamente, esta a atmosfera que condiz com toda a falsidade subjacente àquilo que os une.

O *Jogador* é apresentado no seu subtítulo como *dos apontamentos de um jovem*, o que significa estarmos perante uma espécie de diário, em que na primeira pessoa os eventos vão sendo relatados. Portanto, somos encaminhados por uma perspetiva que está inteiramente comprometida com os acontecimentos. A relevância deste facto é manifesta pelas várias tonalidades, ritmos, omissões ... que a escrita vai adotando nos diversos momentos, na medida em que acompanham os diferentes estados de alma de Alexei Ivanovitch⁴. A descrição desta transparência nos fluxos de pensamento, em contraposição aos outros elementos, vai facilitar-nos a interpretação dos mesmos.

De que dados dispomos sobre o Alexei “inicial”? Um jovem russo de vinte e tal anos em meados do século XIX; consumido (provavelmente) pela sua primeira grande paixão, Polina, enteada do general; deve possuir alguma formação académica média ou superior que o recomende para perceptor de crianças, de alguém com uma posição “distinta” na sociedade russa; está, tal como os outros, hospedado num quarto de hotel de um país estrangeiro. Portanto, do exposto, podemos inferir como primeira premissa o que é confirmado pela sua escrita confessional, “impaciente”, que apresenta traços evidentes de vulnerabilidade emotiva e de ansiedade, em relação aos sentimentos que nutre por Polina. Pelos dados de que partimos, também podemos afirmar que a sua imaginação está algo distorcida, ou, dito de outro modo, que a rigidez da sua visão moral, própria da juventude e de leituras ainda não consolidadas, o leva a conceber um mundo em que as pessoas são realmente o que dizem e aparentam ser. Estas duas simples premissas de partida não contêm nada de extraordinário. Apontam, apenas, para um tipo de personagem comum de onde nada de determinante se pode derivar.

Para a nossa hipótese de trabalho temos, seguidamente, que introduzir o movimento das opções e ações dos personagens com quem Alexei interage, para que isso nele suscite os comportamentos que adotou. Às duas premissas iniciais iremos agora acrescentar outras duas com elas relacionadas e que são derivadas da sequência dos acontecimentos. Então, em relação direta com a primeira, é um sentimento poderoso que

⁴ Ao ler *O Jogador*, pela primeira vez, corremos o risco, se não nos lembrarmos que é o diário de um futuro viciado na roleta, de ser absorvidos pelo fulgor quase eufórico e perturbado em que se contam as várias peripécias, podendo assim perder alguma ponderação de análise. Mas, é esse um dos propósitos bem-sucedidos deste livro.

se apodera dele, de que é “obviamente” rejeitado por Polina. E, com a segunda, é a sua constatação de um mundo de total falsidade que o rodeia, em que nada é o que aparenta ser. E, à medida em que os dados externos são acrescentados, a posição inicial do nosso personagem será por consequência alterada, ou seja, move-se, aspecto que adquire importante relevância para o nosso estudo, visto constituir-se como nosso propósito a defesa da existência de uma imputabilidade de responsabilidade final (UR)⁵ ao agente, na expressão de Robert Kane a “ultimate responsibility”.

Na verdade, da rejeição real ou imaginada de Polina, que o faz desesperar, baseada em interpretações que faz dos comportamentos ambíguos dela, acresce que, vai descobrindo, aos poucos, apenas por rumores e apartes insinuantes, que está rodeado de um grupo de pessoas em que as aparências de prosperidade e de grande honorabilidade com que se apresentam contrasta com a efetiva miséria moral e até mesmo material.

O general, seu patrão, viciado no jogo da roleta, tentando com todos os esforços não o demonstrar, está completamente endividado e arruinado. O francês seu principal credor, a quem ele já deve, uma quantia muito substancial, e Mme Blanche, que terá menos da metade da idade dele, e por quem se encontra doentiamente apaixonado, mantêm as boas aparências de convivência dentro deste grupo da “distinta” sociedade, na única esperança de que a velha tia em breve morra. A iminente e avultada herança que irá receber sustém todas as ligações com os restantes. Tanto a “amizade” do francês que lhe emprestou dinheiro, e que não se sabe bem se é ou não um conde, como a possibilidade de se vir a casar com Mme Blanche, da qual também pouco se sabe, além de ser vistosa e se fazer passar por uma “senhora respeitável”, estão dependentes da morte da velha tia russa.

Efetivamente, este conjunto de situações que enumerámos geram em Alexei uma torrente de pensamentos e sentimentos confusos, que já o posicionam próximo da irracionalidade. Aconteceu que depois de muitos e insistentes telegramas, que com regularidade iam sendo enviados para a Rússia a questionar sobre a saúde da velha tia rica, o último, passados já alguns dias, não teve nenhuma resposta. A esperança do grupo atingiu um ponto alto, assumindo, precisamente, que a ausência de resposta anunciava a já tão ansiada herança.

Mas, muito inesperadamente, a tia numa cadeira de rodas, levada em ombros por alguns serviçais, vinda da Rússia de comboio, aparece de boa saúde no hotel alemão onde todos estavam hospedados. O pasmo geral aconteceu. As máscaras dos personagens abrem fissuras (general, “conde” francês, Mme Blanche) e o pânico, ainda algo disfarçado, instala-se. Rapidamente, e de forma muito direta, a velha tia Antonida Vassílievna anuncia ter entendido toda a falsidade que ali estava instalada, e a consequente necessidade urgente que quase todos tinham da sua morte. Na verdade, entendeu e tornou público, as motivações hediondas que os moviam. Como se esta péssima notícia não fosse de si já suficientemente horrível, em meia dúzia de dias que ali permaneceu viciou-se no jogo e perdeu uma imensa fortuna. Passado esse curto espaço de tempo deixou a atmosfera do grupo do general mais confusa e irrespirável do que antes, voltando para a sua Rússia “vacinada” pela forte e rápida delapidação da sua fortuna. Quando, no momento da partida, se despede de Alexei deixa palavras de desabafo:

[...] Não fiques zangado com esta velha parva! Agora já não acuso os jovens de serem levianos e também não tenho direito de culpar esse desgraçado do general. Mesmo assim não lhe dou dinheiro, como ele pretende, porque a meu ver é um autêntico idiota; só que eu, velha parva,

⁵ *Ultimate Responsibility* “UR” - “To be ultimately responsible for an action, an agent must be responsible for anything that is a sufficient cause or motive for the action’s occurring” Kane (2007), 14.

não sou melhor. É verdade, Deus, mesmo na velhice, não perdoa e castiga o pecado do orgulho [...].⁶

Efetivamente, estas palavras revelam a dificuldade em tecer julgamentos morais, quando apenas nos centramos na superficialidade do resultado das ações, sem atendermos aos processos que foram sendo paulatinamente tecidos.

II – *Questionamento do livre-arbítrio*

Alexei, no caos de pensamentos e sensações, pelos quais se deixa dominar, e que devemos ter em consideração, as premissas base de onde partimos, decide ir ele jogar na roleta e, numa noite absolutamente lancinante de ganhos e perdas, no fim, já em estado de inconsciência ganha uma fortuna colossal. O turbilhão febril que nesses momentos se apoderou dele fez com que se desligasse interiormente do mundo – tornou-se, realmente, um viciado ao ponto de posteriormente expressar:

[...] Provavelmente, depois de experimentar tantas sensações, a alma não se sacia, mas apenas se irrita com elas e exige mais e mais sensações, cada vez mais, até à extenuação definitiva.... Apenas sentia um gozo incrível – um deleite de sorte, vitória, poder -, algo que não sei exprimir [...].⁷

Acerca do conceito de vício podemos aceitar como definição uma prática humana compulsiva e repetitiva que prejudica, física e mentalmente, o agente que a adota e, muito provavelmente, quem o rodeia. Desligados de considerações sobre códigos morais constatamos que o agente, ao desenvolver certas ações com regularidade, está de forma mais ou menos rápida a contribuir para o seu próprio aniquilamento, seja ele físico ou psicológico, ou até ambos. Esta possível “escolha”⁸, pela antecipação da morte, difere da morte natural porque é o próprio indivíduo que introduz elementos à natureza para que os seus limites sejam ultrapassados e, diferentemente do suicídio, porque há um processo de desgaste em vez de apenas um ato definitivo. Estamos perante uma obsessão descontrolada que se coloca a montante das diversas capacidades de discernimento do indivíduo e, neste sentido, à representação do mundo própria do sujeito, já que foi acrescentada uma prática que o condiciona, na medida em que assumiu prioridade sobre as restantes. E é nesta indiscutível prioridade que reside o condicionamento, ou seja, ausência de liberdade do viciado. Contudo, o que discutimos aqui é a existência ou não de uma inevitabilidade de alguém se tornar prisioneiro, nomeadamente, Alexei dado o seu histórico de vida e as condições em que se viu envolvido. Poder-se-á, então, perguntar se é ou não responsável pelas suas ações. Será que as deliberações que Alexei vai tomando estão, desde sempre, predestinadas para que se vão constituindo numa corrente de causas e efeitos necessários, cujo resultado será um viciado no jogo da roleta? Ou, de alguma forma, existem momentos clarificadores, que nos permitem a imputação a Alexei da responsabilidade final das suas ações?

⁶ Dostoiévski (2016), 122.

⁷ Dostoiévski (2016), 131.

⁸ Em nosso entender, como iremos defender, trata-se de uma opção imputável ao agente.

A UR, conceito nuclear na elaboração da tese de Kane, não é o simples resultado de uma sequência da escolha de alternativas possíveis (AP)⁹ sem mais considerações. Apenas seguindo essa “árvore” de bifurcações por onde foram fluando as ações entre caminhos possíveis corríamos o risco de antever, apenas, uma causalidade determinística e necessária fundados no princípio da razão suficiente, que da passagem de um “ramo” da ação para outro tudo tinha acontecido como teria de acontecer.

Neste contexto, deve ter-se em consideração a observação do processo que foi paulatinamente conduzindo a ação e, sobretudo, analisar as diversas nuances em que as deliberações individuais foram tomadas. As escolhas possíveis tendem, com frequência e em simultâneo, para dois ou mais pontos diferentes, por vezes opostos, cuja opção por um deles, ou a tensão da vontade se dá no próprio momento, por isso, são verdadeiras escolhas. Quando o resultado dessa escolha não é determinado necessariamente, não significa que funcione aqui o puro acaso. O indeterminismo que têm de ser detetado numa escolha em que a vontade aja em liberdade terá, como refere Kane, em algum ponto, de ter razões para ser adotado, mas não se constituem como razões necessárias. Efetivamente há uma ponderação de “pesos”, mesmo em situações difíceis de “caos”, cujo último responsável é o agente. Quando antes da “catástrofe, cuja iminência pressenti naquela altura, chegou realmente, só que cem vezes mais violenta e inesperada do que pensava¹⁰”, ou seja, antes de ir jogar na roleta com o seu próprio dinheiro, antes de o vício dele se apoderar completamente, existiam no seu percurso escolhas em que formou a sua vontade em “condições de pluralidade”, isto é, “de uma maneira voluntária, intencional e racional”, desta forma, se regredirmos temporalmente na ação, observamos que recusou a Polina jogar por ela, tendo aí cedido, embora, contrariado e, mais tarde, sem cedências, recusou-se com determinação, a acompanhar a velha tia no dia em que ela dilapidou grande parte da sua fortuna. Se, antes da “catástrofe”, foram por ele demonstradas “self-forming actions” (ações auto formadoras) em que se manifesta que, conscientemente, são resultado da sua vontade, intenção e racionalidade, então, nesta medida, ele é fonte última da ação e da vontade. Portanto, existiu, algures, no decorrer dos acontecimentos, livre-arbítrio genuíno perante o indeterminado, ou seja, fez um esforço e foi autor da sua ação e da sua vontade.

Partindo do ponto que estamos, efetivamente, perante um viciado, a regressão na cadeia de alternativas possíveis serve-nos por reconhecermos o livre-arbítrio genuíno, em ações “auto formadoras” com condições de pluralidade, o mesmo é dizer, portanto, que a imputabilidade da responsabilidade final tem de lhe ser atribuída. Embora, existissem várias contribuições, tanto pessoais como externas, para a possibilidade que se veio a verificar, elas não eram de todo condições necessárias para o desfecho do que sucedeu, tal como já exemplificámos com as atitudes de recusa que assumiu algumas vezes. A análise da UR deve atender à globalidade das escolhas e, em particular, se no seu processo de formação existem decisões em que o agente formou a sua vontade em condições de pluralidade o que, neste caso, se verificou.

⁹ “Free will seems to require that open alternatives or alternative possibilities lie before us – a garden of forking paths – and it is “up to us” which of these alternatives we choose. (Call this condition “AP” for “alternative possibilities”) Kane (2007), 14.

¹⁰ Dostoiévski (2016), 112.

III – Considerações finais

Kant¹¹, numa prudente reflexão, relativamente a sermos os autores da nossa vontade, elaborada na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, afirma que:

[...] Quero por amor humano conceder que ainda a maior parte das nossas acções são conformes ao dever; mas se examinarmos mais de perto as suas aspirações e esforços, toparemos por toda a parte o querido EU que sempre sobressai e é nele, e não no severo mandamento do dever que muitas vezes exigiria auto-renúncia, que a sua intenção se apoia. Não é preciso ser-se mesmo inimigo da virtude, basta ser-se apenas um observador de sangue-frio que não tome imediatamente o mais ardente desejo de bem pela sua realidade, para em certos momentos (...) nos surpreendermos a duvidar se na verdade se poderá encontrar no mundo qualquer verdadeira virtude. [...]¹²

Na verdade, a centralidade da ação está no cumprimento pela vontade dos mandamentos emanados da razão, o que nos remete para a conhecida expressão de Sartre “estamos condenados a ser livres”. Portanto, a temática sobre que nos debruçamos, neste momento, está no desenvolvimento de um esforço no sentido de ajustar a nossa ação à racionalidade, na tentativa de concretização de um espaço de dignificação humana onde a liberdade se afirma como característica diferenciadora. Já que partilhamos a visão e convicção de grande parte dos filósofos, não só sobre a defesa do “primado da razão prática” (uma expressão Kantiana) mas, sobretudo, do “gigantismo” da tarefa que nos interpela como fontes de geração da vontade dedicamos algumas considerações finais a esta dimensão do livre-arbítrio.

A literatura, eximindo-se ao rigor da definição dos conceitos e da argumentação sustentada, tem a capacidade de nos transmitir, em sucintas imagens apelativas, uma atmosfera existencial em que se colocam questões essenciais ao debate sobre a natureza humana. Tolstói, ao iniciar a *Anna Karénina*, com a célebre frase: “Todas as famílias felizes se parecem umas com as outras, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”, ao acentuar a diversidade de “infelidades”, não considerava as “infelidades” radicais, em que o último dos limites já foi transposto; quando se perde qualquer quadro de representação do mundo, seja ele qual for, já não estamos propriamente em terreno de infelicidade, mas no dos “mortos vivos” onde a infelicidade assume uma fisionomia única; a desumanização extrema, mais do que infelicidade, é uma aberração onde os casos particulares têm um padrão comum. Alexei, a personagem central de *o jogador* até se tronar um viciado, vivia uma infelicidade diferente de qualquer outra, com as suas contingências particulares e, a partir do momento em que se entranhou nele uma segunda natureza, deixou de ser diferente daqueles que passam pela mesma experiência; a voracidade com que foi engolido pelas circunstâncias em que se envolveu, **e de que foi autor**, passam a ser um lugar-comum, tantas vezes descrito, em manuais científicos e na literatura.

Ainda com apoio da literatura, ao lermos *Se isto é um homem* de Primo Levi, podemos escutar na voz de um protagonista o drama extremo de Auschwitz:

[...]verifica-se que existem entre os homens duas classes bem distintas: os que se salvam e os que sucumbem. Outros pares de contrários (os bons e os maus, os sensatos e os insensatos, os cobardes e os corajosos, os desgraçados e os afortunados) são muito menos nítidos, parecem

¹¹ Kant, considerado neste contexto, fora do âmbito das antinomias da razão da *Crítica da Razão Pura*, onde expressa a sua tese compatibilista, ao defender a existência do determinismo no mundo fenomenal, e da liberdade do “eu” enquanto numénico.

¹² Kant (2019), 43.

menos congénitos e, sobretudo, admitem graduações intermédias mais numerosas e complexas. [...]¹³

Em tudo diferente do *jogador*, dado que nesta situação foram condições externas que determinaram a prisão, são, contudo, semelhantes, porque em ambos se trata de uma prisão. E, perante o facto de estar preso, Primo Levi intui um determinismo “congénito”, que separa aqueles que se rendem perante condições que por um nexo de causalidade os levaram à situação em que se encontram, dos outros que por qualquer meio tentam discernir hipóteses alternativas para sair vivos de um “campo de morte”. Pode defender-se que em Auschwitz já estamos em situações onde reina o instinto, neste caso de sobrevivência, por isso Levi continua dizendo:

[...] Esta divisão é muito menos evidente na vida comum; aí, não é frequente acontecer que um homem se perca, pois normalmente o homem não está só e, no seu subir e descer, está ligado ao destino dos que o rodeiam; pelo que só excepcionalmente acontece que alguém cresça sem limites, ou desça continuamente de derrota em derrota até à ruína. [...]¹⁴

Mas, Dostoiévski é um escritor que opta por refletir, não apenas neste livro, em situações que colocam “o homem só” (expressão de Levi); só não apenas perante o meio circundante da mundanidade, como também perante o quadro de representações da sua própria consciência, em que à falta de um sentido último, qualquer que ele seja, o exercício da liberdade como experiência real (e sentida) de viver em desamparo, assume proporções que colocam os fundamentos da existência em questão. Camus, um leitor atento de Dostoiévski, refere: “Todos os heróis de Dostoiévski se interrogam sobre o sentido da vida... Nos romances de Dostoiévski, a questão é posta com tal intensidade que só pode determinar soluções extremas. A existência ou é mentirosa ou é eterna.”¹⁵ Camus capta a radicalidade das personagens do escritor no seu esforço por atingir um plano de verdade onde a liberdade de ação assente em pressupostos autênticos.

Se a liberdade de ação humana, enquanto conceito, se presta a várias ambiguidades, adquire toda a nitidez, ou torna-se absolutamente real, no que respeita ao sentir, quando a escolha experimentada se limita em absoluto, apenas (e sem considerações algumas) a duas opções. Quando os dados rolam ou se ganha ou se perde, não há mais alternativas, assim como em Auschwitz, cada simples e insignificante escolha do dia-a-dia deve ser medida com a precisão de viver ou de morrer. Considerada na primeira pessoa, a marca desta experiência da liberdade, condicionada a dois termos (sim ou não), que se assemelha a um “milagre”¹⁶, coloca-nos, sem subterfúgios, literalmente perante o “leme” da nossa existência.

A diferença radical entre ser dominado por um vício ou pelas vedações de uma prisão consiste em que, no primeiro caso, a autoconsciência da situação deixa de ser racionalizada, no segundo, a probabilidade da sua reflexão tende a ser mais plausível. Quando, por qualquer motivo, a opção entre duas alternativas, tidas como vitais, toma dimensões de ofuscar todos os possíveis envolvimentos, em que se enquadra, e é considerada em si como um absoluto, então o sujeito que decide (conscientemente ou

¹³ Levi (2013), 94.

¹⁴ Levi (2013), 94.

¹⁵ Camus (2022), 98.

¹⁶ A expressão “a liberdade como milagre privado” empregue por Leibniz parece-nos neste contexto adquirir alguma pertinência, como uma capacidade que nos é própria, mas que é algo “inefável”.

não) assume-se como autor criador de um mundo possível; de ser **ele o início de um processo de causal**.

Enquanto o viciado, de algum modo, “brinca” com este mundo como encenação de que ele não deseja participar, o condenado opta por voltar ao mundo, desejando viver com o “fardo” de outras escolhas menos definitivas. Nestas situações limite onde por definição desaparece o meio termo, a liberdade de escolha revela-se como certificadora da nossa humanidade no sentido mais primário a que se pode reduzir, porque Alexei (o jogador) também tem consciência que pode terminar com a sua ruína. Dostoiévski nunca afirma o que acabámos de dizer, mas o “autor” destes “apontamentos” é o jovem Alexei. Portanto, o autor de toda esta confissão (ou deste diário), por isso, está plenamente consciente da sua situação; consciente até do ridículo e, é essa autoconsciência dilacerada e assumida que o faz sentir-se real, e libertar-se tanto do meio de mentira em que viveu como da sua incapacidade de o compreender.

A visão libertária aqui exposta, onde a relevância de "self-forming actions", criadas em condições de pluralidade, remete para a nossa condição de agentes com algum poder de decisão, é uma árdua prova que nos interpela, “forçando-nos” a refrear normais características que também nos constituem. Observando o caso concreto de Dostoiévski, em que, na sua vida pessoal, foi capaz de ultrapassar o vício do jogo, deparamos que, mesmo depois da racionalidade da vontade se encontrar fortemente danificada, continua a ser possível, ainda que difícil, a atitude que convoca o carácter único de cada um, e que a vontade se autodetermine impondo-se às mais complicadas adversidades.

No fim deste diário Alexei, ainda Jogador, deixa-nos a refletir sobre a fragilidade e a responsabilidade dos possíveis sentidos e consequências do nosso agir, que no “calor do jogo”, nos vão frequentemente escapando. Neste contexto adquirem uma acuidade pertinente as palavras que escutamos na Apologia de Sócrates: “uma vida não examinada não é digna de ser vivida”

Referências

Camus, Albert (2022). *O Mito de Sísifo*. Porto: Livros do Brasil

Dostoiévski, Fiódor (2016). *O Jogador*. Lisboa: Editorial Presença

Kane, Robert (2007). *Four Views on Free Will*. Blackwell Publishing

Kant, Immanuel (2019). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70

Levi, Primo (2022). *Se isto é um homem*. Lisboa: D. Quixote

Platão (2222). *Apologia de Sócrates*. Lisboa: D. Quixote